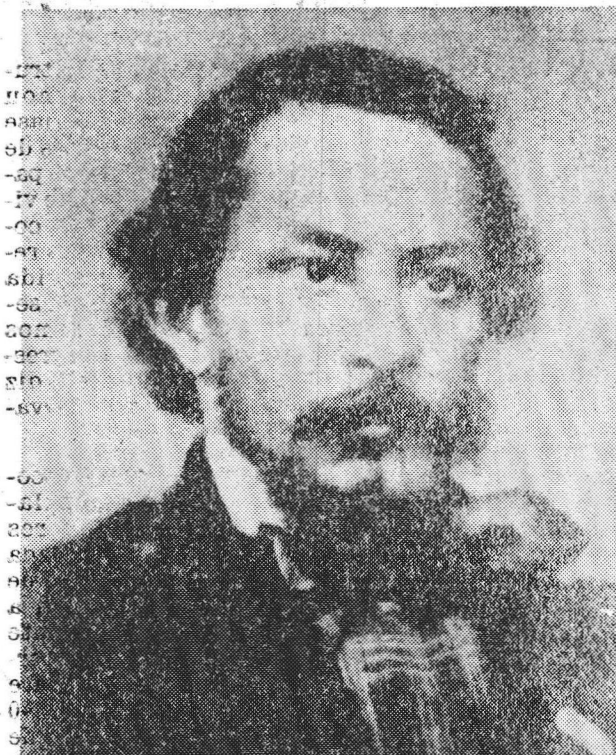
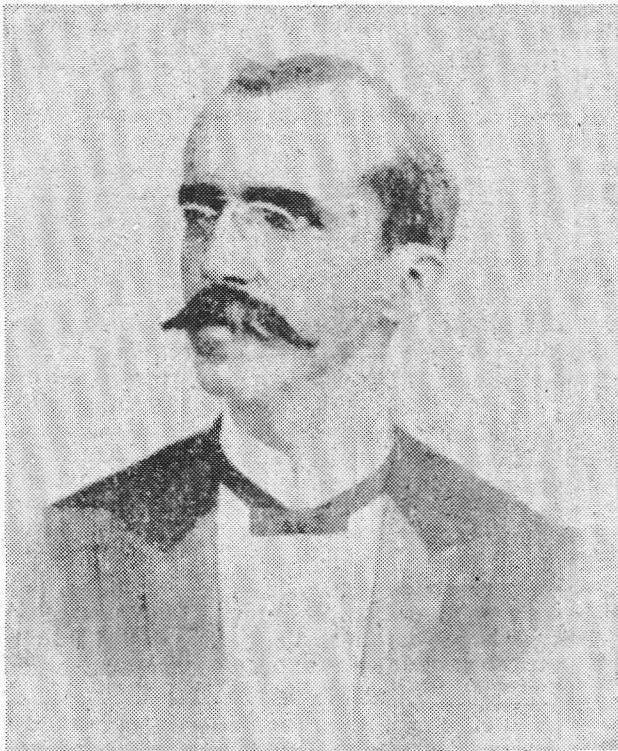




Gonçalves Dias: "Saber para quê?"



Rui Barbosa: "Preparação para a vida"

Críticas ao ensino são eternas

No Brasil, reclamar que o ensino vai mal não é novidade. Em 1850, o poeta Gonçalves Dias dizia que os estudantes eram relapsos e freqüentavam a escola sem o objetivo de adquirir sabedoria. Dias, que tem uma vasta obra no período romântico da literatura brasileira, trabalhava como inspetor escolar.

Em um relatório sobre o ensino fundamental, ele fez críticas que se assemelham àquelas que hoje são dirigidas aos cursinhos pré-vestibulares: "Os pais dos alunos não pedem aos diretores do colégio que ensinem a seus filhos, mas simplesmente que os habilitem no menor prazo possível e com o menor incômodo deles, pais, para os exames preparatórios de nossas escolas superiores. Saber para quê? Basta que sejam aprovados".

Na época, o ensino não era dividido em séries. Buscava-se nas escolas o suficiente para o êxito nos vestibulares dos cursos de Direito e Medicina, os únicos existentes. Os relatórios do inspetor Gonçalves Dias foram resgatados por Afrânio

Peixoto e estão publicados no livro **Um Grande Problema Nacional: estudos sobre o ensino secundário**.

Na penúltima década do século passado, Rui Barbosa também manifestou a necessidade de reformar o ensino: "Educação é a preparação para a vida completa", disse ele, em oposição ao conceito de que escola é uma ponte para a universidade. Suas críticas estão reunidas no livro **A Pedagogia de Rui Barbosa**, publicado pela Melhoramentos.

Hoje todos se lembram do ensino primário dos anos 50 como um modelo de educação. Os pais contemporâneos dessa fase áurea do ensino oficial, contudo, não gostavam do que seus filhos aprendiam nas escolas. "Insisto em dizer que o que há no Brasil, ainda hoje, em matéria de ensino primário, é verdadeira simulação", sentenciou em 1952 o professor Almeida Júnior, da Universidade de São Paulo (USP), diante de uma comissão formada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) para propor reformas no ensino.

O fato de a história registrar uma tradição brasileira de reclamar contra a escola não significa, porém que as investidas contra o ensino atual não sejam justificadas. "Hoje as críticas são unânimes e o que se discute agora não são questões pedagógicas puramente, mas que as escolas tenham condições materiais e professores preparados para ensinar", diz Sólton Borges dos Reis, ex-presidente do Centro do Professorado Paulista.

"Há no mundo todo um hábito de se criticar a escola de seu tempo e elogiar a escola do passado", assegura ele. Segundo Palma, após a Segunda Guerra, houve um declínio mundial da educação escolar. "Não é um fenômeno brasileiro", diz. "Talvez aqui o problema seja mais grave, mas a escola enfrenta problemas em países como o Japão e a Inglaterra." Ele acredita que, nos últimos 40 anos, houve uma revolução tecnológica que a escola, enquanto instituição, não soube acompanhar. "Quando ela tentou se modernizar, acabou complicando ainda mais." (J.C.)